ANO 11.º — Sexta-feira, 31 de Janeiro de 1919 — Numero 558

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

—(*)—

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita
—Impressão na Tip. *Nacional*,
R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

A'VANTE, PELA REPUBLICA!

Continua a luta, por vezes encarniçada, formidavel, épica. As margens do Vouga, guarnecidas por tropas fieis, valentes e disciplinadas, são como que o reduto inexpugnavel da Democracia, que á patria de um dos maiores paladinos da Liberdade veio purificar-se, crear novas energias para se impôr e proseguir na obra de resurgimento nacional que o povo português anciosamente espera desde o glorioso 5 de Outubro de 1910.

São horas inquietantes as que passam? Sem duvida. Todavía, descortinam-se já, ao longe, os primeiros clarões da vitória.

A'vante! Soldados da Republica—em frente!

Rufem os tambores, vibrem os clarins, que a marcha ninguem vo-la detem.

Aveiro segue-vos. O paiz fita-vos.

A'vante! A'vante, pela Republica contra a monarquia!

Para a frente!

Vai para quinze dias que vivemos opressos, sufocados, como se uma mão de ferro pesasse sobre os nossos peitos!

O sono, entrecortado de pezadelos, que mal nos deixam pousar a fronte no leito, dá-nos, em visões, os episodios das lutas, dos sacrificios, das dôres e das lagrimas, de toda esta epopeia que ha tanto a familia republicana portugueza vem sustentando na defêsa sagrada e veemente do grande Ideal!

31 de Janeiro!

Faz hoje 28 anos!

Mortos—levantai-vos!—como dizia numa hora de suprema angustia, defendendo a Patria, um tenente francez quando se viu só em frente do inimigo.

Por nossa vez repetemos essas palavras já historicas e gloriosas!

Mortos de 31 de Janeiro: erguei-vos e trazei de novo para todos nós a ardencia inexcedivel da vossa fé e dos vossos principios!

Foram eles que nos deram alento para sacudir esse monturo encimado por uma corôa, que uma mulher, animada pela seita negra, procurou, através de tudo manter e que agora mesmo se apressa a fazer vingar!

E' ainda a vossa fé—ó gloriosos mortos!—que nos tem aqui reunidos na defêsa comum do Ideal, que todos nós guardamos no peito, unico sacrario onde ele póde estar, limpido e nobre, grande e sublime.

Exaltai agora, de novo, quantos neste momento se empenham na luta decidida contra a traição de que a Republica, sempre generosa, acaba de ser vitima!

Nós não temos duvidas sobre qual seja o desfecho da aventura. Mas é preciso, sem demora, fazer desaparecer essa afronta que a loucura pretendeu impôr-nos, apagando todos os vestigios da sua curta permanencia, arriando as bandeiras içadas, cessando os acordes do hino, calando os nomes dos bandidos, que, como alcateia de lobos esfomeados, desceram ao povoado, matando, assaltando, devorando quanto encontraram á passagem.

E' esta situação que nos oprime, que nos avilta, que nos sufoca como, repetimos, se mão de ferro pesasse sobre os nossos peitos!

Para soluciona-la sigamos todos, como um só homem, sob uma desiganação apenas—republicanos—ao encontro do inimigo!

Não haja odios, truculencias, iniquidades, aviltamentos!

Justiça serena, segura, firme, mas justiça impiedosa, fulminante.

Desfralde-se sobre o cometimento de toda a nossa acção, a bandeira republicana, para que ela, fortalecida e dignificada com os nossos actos, possa fluctuar eternamente sobre os destinos da Patria!

Para a frente, para a frente sempre, sem repouso, sem descanço, sem tregoas!

A todos os portuguezes, patriotas e republicanos, cabe o sagrado dever de se unirem á sombra dessa bandeira, que fluctuou, nobre e altivamente, nos campos de batalha da França e que foi o objectivo do ultimo olhar de tantos dos nossos irmãos caídos sobre o charco de sangue das suas feridas!

Todos em volta da bandeira do 31 de Janeiro, que mãos criminosas e sacrilegas, ousaram substituir por aquela que, se significa a historica epopeia gloriosa de Portugal, consubstancia tambem o privilegio e a felonia de uma raça e de um principio que o povo esmagou e não quer mais!

Sigamos, pois!

Para a frente, até ao fim, por honra de todos nós, para dignificação desta Patria e por honra da memoria dos martires de 31 de Janeiro!

A CONFERENCIA DA PAZ

—(*)—

No dia 25 reuniram em confèrencia Wilson, presidente da republica norte americana, os chefes dos governos aliados e os ministros dos negocios estrangeiros, bem como o representante do Japão, que resolveram enviar a todo o mundo a seguinte mensagem:

Os governos, reunidos em conferencia para conseguir uma paz duradoura entre as nações, acham-se profundamente desgostosos pelas noticias chegadas de varios casos de uso da força armada na Europa e no Oriente, para a conquista de territorios, cuja posse legal só poderá ser determinada pela conferencia da paz.

A posse conseguida pela força faz nascer a suposição de que aqueles que a empregam não teem confiança na conferencia da paz.

Se esperam justiça, não devem fazer uso da violencia, mas sim submeter as suas pretenções á conferencia.

Vem a talhe de foice dizer que o nosso paiz é representado na importante reunião por dois delegados—os drs. Egas Moniz, ministro dos negocios estrangeiros e Alvaro Vilela, lente da Universidade de Coimbra.

Não é ocasião azada para discutir agora se Portugal devia ter ou não maior numero deles devido á parte que tomou no conflito e aos sacrificios feitos enquanto duraram as hostilidades.

Continuam os politicos á bulha e com certêsa o tempo escasseia para se ocuparem de coisas minimas, como certamente consideram a conferencia da paz.

Depois falaremos e estamos em crêr que não havemos de ser os unicos a verberar o procedimento dos que em tão pouca conta tiveram os interesses da nação.

. . . .

Abocanhando a minha lealdade, que está acima de quaesquer apreciações de V. Ex.ª, foi explorar nas massas republicanas com as minhas ideias de monarquico, **olvidando que eu afirmára aos proprios monarquicos que achava tão improprio o momento para uma restauração, que se alguem a tentasse me encontraria pela frente para a impedir.**

. . . .

(Duma carta dirigida, em 3 do corrente, pelo coronel João de Almeida, da guarnição desta cidade, ao snr. Tamagnini Barbosa, presidente de ministros.)

O LICEU

Fechou por alguns dias este estabelecimento de ensino, cujas aulas estavam sendo escassamente frequentadas devido aos acontecimentos.

A agitação monarquista

—(*)—

Nas margens do Vouga e em Agueda os "paivantes,, sofrem sucessivos revezes

—(*)—

Aveiro no seu posto de honra---pela Republica!

Apezar dos dias decorridos, das horas prolongadas de anceio, da formidavel tensão de espirito em que temos vivido, a convicção da vitória republicana continua inabalavel, exaltando a cidade, que num bem manifesto entusiasmo se prepara para festejar o triunfo, depois de destroçados os traidores, que julgaram, por alguns instantes, estrangular o regimen!

A derrota formidavel de Lisboa, assim como as vitórias sucessivamente conseguidas sobre eles nas proximidades de Aveiro; a rendição de Vizeu, Bragança e outros pontos, que os monarquicos teem abandonado miseravelmente, tudo indica o proximo fim dessa infame aventura que na propria Espanha, onde se teem acolhido os realistas, já classificam de *palhaçada monarquica*.

Ao norte de Agueda, deu-se o primeiro violento encontro por os *paivantes* pretenderem ocupar a vila, onde ainda chegaram parte das suas guardas avançadas. As baixas por eles sofridas foram em avultado numero tendo os miseraveis, na sua desordenada fuga, abandonado mortos e feridos, desapiedadamente.

Da nossa parte recolheram á Mealhada alguns feridos, que estão sendo solicitamente tratados.

Ao hospital desta cidade chegou uma ambulancia militar com muito material, enfermeiros e medicos, estando no magnifico edificio içada a bandeira da Cruz Vermelha, assim como tudo preparado para as possiveis eventualidades.

As tropas da *Real Guarda* e outras que por aí estão no inutil esforço de passarem o Vouga, saquearam Albergaria-a-Velha, levando tudo quanto encontraram nos estabelecimentos de calçado, ourivesaria, lojas de fazendas, mercearias, etc., pelo que muitas familias ficaram reduzidas á mais extrema mizeria.

Da recebedoria do concelho foi tambem levantada a quantia de 2 contos, sucedendo o mesmo em Ovar, onde, em igual repartição, foram exigidos 4, e no Porto 200, que os banqueiros tiveram de entregar e não bufar.

Das ultimas forças republicanas desembarcadas em Oliveira do Bairro, um tal capitão Gouveia apossou-se de determinados apetrechos duma peça de artilheria, unica que acompanhava o grupo e... fugiu.

Conhecido aqui o caso foram iguaes apetrechos e um sargento de artilheria conduzidos para aquela localidade em *side-car* guiado por o dedicado republicano Joaquim Alves Barbosa, industrial portuense, que logo se ofereceu para tão apreciado serviço, visto ter sido esta peça a que mais concorreu para a derrota dos monarquicos no recontro havido.

As ultimas noticias oficiaes davam, na terça-feira, os rebeldes em debandada, com abandono de armas, viveres e munições, constando que alguns dos seus oficiaes tinham por eles sido mortos, após o resultado da desastrosa aventura.

Contingentes de todas as armas vão chegando incessantemente, devendo, passadas algumas horas, subir a milhares de homens o total do efectivo, que constituirá a coluna de avanço sobre o Porto, afim de libertar a cidade dos usurpadores.

Na segunda-feira a artilheria dos rebeldes cançou-se a fazer fogo em direcção de Cacia e margens do Vouga, onde se encontram as forças republicanas. O maior numero, senão quasi todas as granadas, caíam nos terrenos lamacentos, enterrando-se, sem outro resultado. Só uma rebentou na estrada atingindo levemente com um estilhaço, a cabeça do brioso capitão de infanteria 24, Zeferino Camossa.

Dizem-nos que tambem a casa do velho republicano João Afonso Fernandes, na Quintã do Loureiro, foi atingida por uma granada, sofrendo um rombo. Isso, porêm, não impede que o nosso amigo deixe de auxiliar as tropas republicanas, a quem, alêm do mais, forneceu uma pipa de vinho e grande porção de aguardente.

Grande numero de civis acha-se tambem em armas, com uma dedicação pelo regimen digna do maior louvor.

Muitos alunos da Escola Normal a eles se teem reunido, tendo-lhes sido dado por missão o policiamento e guarda de diversos estabelecimentos publicos e várias repartições da cidade.

Na noite de sexta-feira preterita, um falso alarme fez convergir, varava da meia noite, para o Centro de Aviação, estabelecido em S. Jacinto, numerosas forças por se supôr que de Ovar tivessem vindo, rio abaixo, alguns *paivantes* para o destruir. Afinal o caso cifra-se no disparo de dois tiros, para afugentar gatunos, mas que foram tomados como sinal da presença do inimigo, a essa hora a muitas leguas de distancia.

Em duas levas foram conduzidos para Coimbra os presos militares e civis que tinham recolhido á cadeia de Aveiro, sendo ali recebidos com violentas demonstrações de hostilidade.

O unico que se conserva aqui é o general em chefe da *Real Guarda dos Trauliteiros*, Bento Garrett, que deverá seguir oportunamente para o Porto... em *comboio especial*...

Desde ante-ontem que á vista da Barra, se conserva uma flotilha composta das canhoneiras *Limpopo*, *Ibo*, *Republica*, *Celestino Soares* e *Berrio*, tendo sido trocadas impressões entre o comando militar aqueles barcos.

E' superior a todos os elogios a dedicação no ininterrupto trabalho que vem sendo desempenhado pelo pessoal dos telegrafos e correios, desta cidade. Tarefa verdadeiramente extenuante, sem um momento de descanço, de noite e de dia, aqueles empregados, sem excepção, continuam mais uma vez dando o patriotico exemplo do seu afecto pelo regimen.

Viva a Republica!

* * *

Vem a proposito referir que o comandante das tropas que, no Vouga, se opozeram á marcha dos monarquistas e estão derrotando o grosso do exercito couceirista, é o coronel José Domingues Péres, que em 1911 comandou tambem a coluna mandada com o 24 a Vinhaes bater os incursores. O coronel Péres, oficial distintissimo, com grandes conhecimentos da guerra moderna, deu altas provas da sua competencia em Tancos e França, onde foi condecorado. Por o norte chamn-se a Aveiro a *Belgica da Republica* e ao Vouga o *Marne dos couceiristas*, sendo curioso notar que a historica ponte que dá passagem de Albergaria para Agueda, sobre o Vouga, é a ponte denominada do *Marnel*, onde tantas lutas, em tempos, se travaram, disputando-a.

Esta ponte acaba de ser transposta pelas nossas tropas avançadas, que se estabeleceram em Albergaria. Aqui continuam chegando refugiados. O inimigo, muito agarrado ao terreno, não tem querido

largar Angeja, para onde o impelem as tropas do sector Eixo—S. João de Loure. Um combate, em Frossos, na quarta-feira, durou até á noite, sendo o tiroteio muito nutrido e o terreno disputado palmo a palmo. A nossa artilharia, tomando rapidamente posição na margem direita, em frente de Eixo, bateu rigorosamente as trincheiras e posições dos revoltosos. A artilharia inimiga disparou continuamente, mas sempre infelicissima e portanto com resultado nulo.

Os nossos mostram maior valentia no ataque, confessando os prisioneiros que a bravura das tropas republicanas tem desconcertado os oficiaes monarquicos, que anunciavam jantar em Aveiro no sabado ultimo.

Entre a tropa *paivante* fez-se correr que só parte de infanteria 24 oferecia resistencia, pois o resto seguiria em marcha triunfal sobre Coimbra e Lisboa, onde afirmam flutuar a bandeira azul e branca. As forças couceiristas regulares são calculadas em 2000 homens, comandadas por Côrte-Real Machado.

A coluna monarquista, que opera em Angeja, consta ser comandada pelo major Antero Taborda. A nossa artilheria, postada em Cacia, não tem disparado, apezar do canhoneio inimigo sobre a ponte de Angeja e comboio de reconhecimento, que não atingiu. Em Albergaria fizeram toda a casta de desrespeitos, disturbios e saques.

Na vanguarda das nossas tropas está uma força de marinheiros e legionarios do capitão Gonzaga, que já entraram em acção com excelentes resultados. No campo inimigo contam-se não só muitas baixas, mas tambem grande numero de deserções, mantendo-se os soldados só á custa das ameaças constantes dos oficiaes. A *Guarda Rial* castigaram-na de tal fórma na Mourisca que esse combate ficará sendo um dos mais brilhantes feitos do exercito republicano no Vouga.

BOA LEMBRANÇA

O pedestal da estatua de José Estevam apareceu ontem de manhã envolto numa larga facha de crépe, sobre a qual se liam estes versos do Junqueiro:

. . . .

Os paes eram de bronze;
Os filhos são de lama.

Que dirá a esta manifestação dos aveirenses o ministro dos estrangeiros do governo couceirista? E mais talvez não diga nada. A vaidade obseca tanto os espiritos...

31 de Janeiro

E' hoje dia de grande gala, por fazer anos que a Republica teve o seu primeiro baptismo de sangue nas ruas do Porto.

Foi em 1891. O paiz, já então farto de monarquia, de desgovernos, de delapidações e de crimes, coberto de ignominia e afrontado nos seus patrioticos sentimentos, havia lavrado a sentença, incumbindo os seus energicos defensores de lhe dar execução.

Rompia a manhã. No espaço, os vivas á Patria e á Republica misturam-se com as notas vibrantes da *Portuguêsa*, que a população acompanha entusiasmada, confiante, decidida.

Quem ousaria traír o movimento para o qual tantas dedicações se haviam congregado, insuflando-lhe alma, alento, vida?

Que portugueses ousariam opôr-se-lhe, tornando-se cumplices na desonra que envolvia a nação, humilhada com o 11 de Janeiro de 1890, o 20 de Agosto e tantos outros dias que pódem passar, mas que nunca esquecem?

E contudo a revolta não vingou! Apenas a registam a historia e certamente aqueles que, pugnando em todos os tempos pelo triunfo da honestidade sobre a crapula, viram nela um passo para a conquista dos seus generosos ideaes.

DEDICAÇÕES

O nosso ilustre amigo e conterraneo, dr. Couceiro da Costa, que, como é sabido, se encontrava preso num dos quarteis de Lisboa por causa dos sucessos de Santarem, apenas teve conhecimento da restauração da monarquia no Porto, enviou ao snr. Presidente da Republica a seguinte carta:

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Republica Portugueza:

Estou preso e incomunicavel neste quartel desde quinta-feira ultima, ás 20 horas. Vencido, mas não desalentado, esperava serena e confiadamente que a justiça julgasse os meus actos, condenando-os perante o Direito, já que não podia condena los perante a Moral.

A janela da minha prisão é fronteira ao patio interior do Liceu Passos Manuel e acabo de ouvir distintamente um aluno dizer para outro:

— Foi proclamada a monarquia no Porto.

Sr. Presidente: Consumou-se a traição que eu havia previsto no manifesto que, em 11 do corrente, enviei a V. Ex.ª, assumindo dele e do movimento republicano que se esboçava no paiz inteiro, a exclusiva responsabilidade. As chamadas juntas militares preparavam, com efeito, na sombra, uma restauração monarquica. Os republicanos, postos completamente de lado quaesquer preocupações partidarias, quizeram conjurar esse perigo. Por mais de uma vez se puzeram, decidida e desinteressadamente, á disposição de V. Ex.ª e do governo.

Não foram, porêm, ouvidos nem atendidos e só então julgaram do seu dever congregar todas as forças da Democracia portugueza e seguir para a frente em defêsa da Republica.

. . . .

O resultado a o podia ser outro, senão o que desgraçadamente se deu: a proclamação da monarquia, hoje, no Porto e ámanhã talvez em todo o paiz, se não chamarem ás armas todos os republicanos.

Sr. Presidente: Eu não posso ficar impassivel perante semelhante facto, eu quero bater-me pela Republica, quero dar-lhe o meu sangue, quero dar lhe a minha vida, já que lhe sacrifiquei a minha liberdade, a felicidade do meu lar e uma carreira honrada de 23 anos de ultramar.

Eu quero alistar-me como simples soldado no exercito republicano, e sob a minha honra garanto a V. Ex.ª que, se o regimen, como espero, conseguir dominar os meus inimigos, voltarei voluntariamente para esta prisão a aguardar, feliz, o julgamento dos tribunaes da Republica.

Conto já 48 anos, mas tenho uma alma ainda nova, capaz de dar-me vigor para lutar e animo para morrer.

Não considere V. Ex.ª as minhas palavras como um desabafo.

Elas são a expressão fiel, espontanea e sincera do que penso e do que mais ardentemente desejo nesta hora cheia de perigos e de incertezas.

Desculpe-me V. Ex.ª vir importuna-lo mais uma vez e creia-me com a maxima consideração,

De V. Ex.ª
atento venerador

(a) **Francisco Manuel Couceiro da Costa**

Por sua vez, o coronel Rodolfo Malheiros, o alferes Malheiros do 31 de Janeiro, que, com tanto heroismo, se bateu, faz hoje 28 anos, nas ruas do Porto, pela Democracia, dirigiu tambem a um dos grandes diarios da capital, estas poucas, mas eloquentes linhas:

Doente bastante, conservo-me no leito quando a Republica de mim precisa! Na hora de perigo para a nossa amada Republica, que chamou todos os bons portugueses para seu lado, a fim de anteporem os seus peitos vigorosos e verterem o seu sangue generoso na luta ora travada contra os traidores da Patria, eu sou subjugado pela doença! Cruel destino, que não me deixa desembainhar a espada por esse ideal sublime que me fez vibrar a alma na jornada de 31 de janeiro de 1891. Destino cruel!

Mas eu creio, convicto estou que a bandeira verde rubra continuará a tremular mais altaneira, se possivel fôr, que até agora. Para todos os que lutam para que a Republica não baqueie, o meu sincero aplauso.

Viva a Republica!
Viva a Patria!

Augusto Rodolfo da Costa Malheiros
Coronel de infanteria

E o dr. Magalhães Lima, cuja prisão o governo ordenou após o assassinato do sr. dr. Sidonio Paes, diz, em telegrama, ao chefe do Estado:

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Republica

O primeiro acto da minha justa libertação é sauda-lo e pôr-me incondicionalmente ao lado de V. Ex.ª para a defêsa da Republica.

Com dedicações desta naturêsa e que são um palido reflexo de tantas outras com que o governo conta, poderá a Republica baquear?

Pela nossa parte—crêmo-lo bem —nem agora nem nunca.

"O MUNDO"

Reapareceu o antigo diario republicano de Lisboa, fundado por França Borges, o qual se apresenta na luta pela Republica com o mesmo entusiasmo de sempre.

Saudâmo-lo.

FALTA DE PAPEL

O *Democrata*, que tinha uma encomenda de papel para receber na ocasião em que os *paivantes* se lembraram de fazer a substituição das instituições no Porto, está lutando com tantas dificuldades para garantir a sua regular publicação, que não sabemos se as poderemos remover a todas de fórma a não faltarmos com ele aos assinantes. Para este numero ainda o pudémos arranjar. Mas para os seguintes? Se a contenda se não houver decidido vâmos vêr-nos em sérios embaraços. Todavia, o *Democrata* hade dar acordo de si, pois se alguma vez nos sentimos com vontade de comunicarmos com o publico, é agora em que contra a Republica se apontam armas traidoras.

Bem entendido

O governo fez inserir na folha oficial do dia 21, um decreto pelo qual são obrigados ao pagamento duma contribuição de guerra todos os distritos que o não reconheçam nem lhe obedeçam como legalmente constituido, sendo os termos em que vem redigido os mais explicitos, consoante se vê pela sua transcrição:

Considerando que os actuais movimentos revolucionarios, bem como os antecedentes, não se poderiam executar sem um consentimento mais ou menos declarado das populações civis e dos elementos oficiaes, como não é razoavel que todo o paiz sofra com estes disturbios e tenha que pagar as enormes despezas que daí resultam, sob autorisação do governo, etc.:

Artigo 1.º—Por cada dia civil ou fracção em que nos distritos do Porto, Vizeu e Braga não fôr reconhecido e obedecido o governo da Republica, legalmente constituido, pagarão as suas populações a contribuição extraordinaria, respectivamente, de 100, 50 e 30 contos, para repartição em adicional ás contribuições do Estado.

Art. 2.º—Não receberão vencimento algum durante esse tempo todos os funcionarios civis ou militares que, directa ou indirectamente, reconheçam ou obedeçam a qualquer autoridade que não seja a legalmente constituida.

Art. 3.º—Estas contribuições serão pagas no praso maximo de 8 dias a seguir ao restabelecimento da normalidade e fica a autoridade militar com poderes para efectuar a sua cobrança.

Art. 4.º—Fica revogada a legislação em contrario, entrando esta lei imediatamente em vigor, produzindo já os seus efeitos á data da sua publicação.

E se a isto se acrescentassem os bens dos insurrectos, não seria uma proveitosa lição para os agitadores que, pelo visto, estão dispostos a dar cabo de Portugal?

Pense o governo e proceda.

Acacio Simões

Está em Lisboa, vindo pelo ultimo paquete da Africa Ocidental, este nosso querido amigo e fervoroso republicano do concelho de Alfandega da Fé, que apenas desembarcou teve a lembrança de nos enviar um entusiastico telegrama, saudando Aveiro pela resistencia mantida contra a invasão monarquica.

Acacio Simões, a quem cordealmente abraçâmos, aguarda o restabelecimento dos comboios para poder seguir para o norte.

AVIAÇÃO

Pelo governo foi ultimamente adquirido todo o material de aviação pertencente á missão francesa instalada, durante a guerra, na praia de S. Jacinto, cujo posto deixou de ser guarnecido depois de terem cessado as hostilidades.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Ala.*

INTERESSANTE

Os monarquicos comunicam entre si por meio do telegrafo sem fios

Porque os achamos curiosos, inserimos alguns dos radiogramas trocados entre o Porto e a Serra de Monsanto e intercetados no posto da nossa costa, enquanto os *paivantes* conservaram em seu poder a estação do sul e que constituem uma série de documentos digna de arquivo, como, afinal, é tudo quanto de ha quinze dias a esta parte se está passando.

Ora vejam:

A's 22 h. de 22—1.º—1919.

De Lisboa para o Porto
Radio—Junta Governativa do Porto

Peço diga situação aí. Aqui estâmos posse absoluta posto radiotelegrafico Monsanto, podendo, pois, falar abertamente.

Aires Ornelas

A' meia noite.

De Lisboa para Madrid—Via Cadiz
Radio—Conde del Grove—Palacio do Oriente—Madrid

Importante movimento monarquico Lisboa. Peço transmita Paiva Couceiro para o Porto.

Azevedo Coutinho

A's 2 h. de 23—1—1919.

De Lisboa para Madrid—Via Cadiz
Radio—Jean la Thiére—padre jesuita — Aguilera, 35 — Madrid

Lisboa em armas pela monarquia. Veja consegue noticia chegue Porto e norte Portugal.

Capitão Veloso

A's 3 h. 15 m. de 23.

Radio urgentissimo
Aires Ornelas—Lisboa

Para reconhecimento seu telegrama responda seguinte pergunta —quem foi busca-lo Carcavelos noite assassinato presidente Sidonio Paes?

Paiva Couceiro

A's 3 e 20 m. de 23.

De Lisboa para o Porto
Radio—Paiva Couceiro

Resposta telegrama Paiva Couceiro; foi buscar-me Antonio Sardinha.

Aires Ornelas

A's 5 h. de 23.

Do Porto para Lisboa
Radio—Aires Ornelas—Lisboa

Situação ótima Traz-os-Montes, Douro e Minho. Só falta proclamar monarquia Vila Rial. Colunas nossas fortes em Braga e Bragança para dominar Vila Rial. Neste momento forte coluna nossa vai receber submissão Coimbra onde quasi toda guarnição é nossa composição.

Junta governativa—*Paiva Couceiro, Visconde Banho, João Almeida, Luiz Magalhães, Coronel Ramos, Conde de Azevedo, Solari Alegro.*

Monsanto pergunta ao Porto se já tem na mão Braga, Bragança, Vizeu e Coimbra.

A's 5 h. e 30 de 23.

Do Porto para Lisboa
Radio—Aires Ornelas—Lisboa

Nossa coluna póde submeter esta madrugada Aveiro e logo Coimbra onde contâmos com quasi toda guarnição. Mobilisamos regimentos infanteria 3, 6, 8, 10, 14, 18, 20, 29, 30 e 32 de modo que nossas forças são grandes. Civis oferecem-se em grande numero. Entusiasmo incessante com grandiosas manifestações na rua.

Paiva Couceiro

A's 15,25 de 24.

Do Porto para Lisboa

Nossa situação absolutamente regularisada. Socêgo e entusiasmo. Digam se precisam auxilio militar. Viva monarquia!

A's 16,50 de 27.

Do Porto para Lisboa
Radio—Aires Ornelas—Lisboa

Faça possivel por enviar noticias sobre situação Lisboa. Nossa situação magnifica todos os pontos desde militares até abastecimentos. Governo republicano faz publicar jornaes estrangeiros noticias completamente falsas sobre situação norte. Ordem e entusiasmo em todos os pontos em que dominamos e o contrario nos outros.

Viva a monarquia!

Paiva Couceiro

A's 2 h. de 28.

Radio—do Porto para Lisboa
A' imprensa

As boas novas de ontem confirmam-se. Tropas realistas sufocam pequenas manifestações republicanas em Vila Pouca de Aguiar. As tropas realistas que marcham para o sul já passaram Agueda. População zona ocupada pelos realistas, manifestam a todo o momento entusiasmo pela restauração monarquica enviando saudações ao rei Manuel e Paiva Couceiro.

Situação Lisboa dificil faltando subsistencias. Governo republicano sem forças para resistir ao movimento de restauração monarquica.

Junta Governativa

NOVO MINISTERIO

Novo ministerio:

Presidencia e interior—**José Relvas**

Estrangeiros—**Egas Moniz**

Guerra—**Tenente-coronel Freitas Soares**

Justiça e interino dos Estrangeiros—**Dr. Couceiro da Costa**

Colonias—**José Carlos da Maia**

Agricultura e interino da Marinha—**Jorge Nunes**

Comercio—**Pinto Osorio**

Abastecimentos—**João Pinheiro**

Instrução—**Domingos Leite Pereira**

Finanças—**Paiva Gomes**

Trabalho—**Augusto Dias da Silva**

NECROLOGIA

Faleceu vitima duma terrivel enfermidade cancerosa, a sr.ª Maria da Graça Moreira Balacó, que foi uma das mulheres formosas do seu tempo.

Deixou testamento, dividindo os seus haveres por uma filha e uma sobrinha, que muito estimava.

* * *

Faleceu tambem após prolongado e doloroso sofrimento, o sr. Domingos Grijó, casado, chefe da repartição dos impostos camararios.

A's familias enlutadas, sentidas condolencias.

Ultima hora

As forças invasoras que ocupavam a margem além do Vouga, desde Angeja a Frossos, retiram para o norte abandonando todas as posições. Está averiguado que Paiva Couceiro ante-ontem esteve entre essas forças, pronunciando em Angeja um inflamado discurso, ouvido, porêm, entre a mais absoluta frieza, não sendo correspondidos os *vivas* com que o orador fechou o *brilhante* improviso. Por toda a parte a liquidação miseravel da miseravel farçada.

Foi ferido gravemente o major Manuel de Almeida, irmão do coronel João de Almeida. Na igreja de Angeja está o cadaver do major Antero Taborda, devendo ser-lhe prestadas as honras funebres pelas forças republicanas.